

ACESSO À ARTE POR TRABALHADORAS TERCEIRIZADAS DE LIMPEZA NO MASP

ART ACCESS BY OUTSOURCED CLEANING WORKERS AT THE SÃO PAULO ART MUSEUM

Gabriela Valdanha de Araújo¹
Martin Jayo²

RESUMO: O trabalho busca investigar como trabalhadoras terceirizadas que realizam a limpeza do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o Masp, relacionam-se com as obras de arte ali expostas. A fim de entender quais são as formas de apreensão das obras de arte por essas mulheres, optou-se pela metodologia da história oral temática. Três entrevistas foram realizadas, abordando questões relacionadas, principalmente, a rotina, trabalho, família, tarefas domésticas e práticas culturais. O referencial teórico apoia-se em conceitos de Pierre Bourdieu, Alain Darbel, Waldisa Rússio e Raymond Williams. As conclusões sugerem que, se o fato de trabalhar no museu não gera uma transformação concreta em hábitos de lazer, promove, ao menos, uma mudança no modo como estas trabalhadoras apreendem uma instituição museológica e trabalhos de arte.

PALAVRAS-CHAVE: Acesso à arte; Acesso ao lazer; Trabalhadoras de museu; Masp.

ABSTRACT: The paper seeks to investigate how outsourced cleaning staff at the São Paulo Assis Chateaubriand Art Museum (Masp) connect with the works of art on display there. In order to understand how these women apprehend works of art, the methodology of thematic oral history was chosen. Three interviews were carried out, covering issues mainly related to routine, work, family, domestic tasks, and cultural practices. The theoretical framework is based on concepts from Pierre Bourdieu, Alain Darbel, Waldisa Rússio and Raymond Williams. The conclusions suggest that, if working at the museum does not generate a concrete transformation in leisure habits, it at least promotes a change in the way these workers perceive a museum institution and the world of art.

KEYWORDS: Art access; Leisure access; Museum workers; Masp.

¹ Mestrado em Estudos Culturais (USP). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5977-8367> E-mail: gabrielavaldanha@gmail.com

² Doutorado em Administração de Empresas (FGV-SP). Universidade de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0241-9687> E-mail: martin.jayo@usp.br



10.23925/2176-4174.35.2025e71706

Recebido em: 19/05/2025.

Aprovado em: 25/05/2025.

Publicado em: 08/06/2025.

Introdução

Este trabalho, fruto da pesquisa de mestrado da primeira autora, sob orientação do segundo, busca investigar como trabalhadoras terceirizadas que realizam a limpeza do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o Masp, relacionam-se com as obras de arte ali expostas, tanto no acervo permanente quanto nas exposições temporárias. Busca-se entender quais são as formas de apreensão das obras de arte por parte dessas mulheres.

Em *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias* (1972), Ecléa Bosi faz um raio-X das leituras habituais de mulheres em uma pequena comunidade operária e encontra no caminho diversas questões ligadas à cultura de massa, à cultura popular, à situação do operário e ao lazer. Descobre, assim, que o que ela chama de “isolamento social do operário” se dá principalmente por causa de jornadas longas e intensas, transporte difícil, moradia distante, falta de centros recreativos e culturais, salário gasto na sobrevivência. Mais de cinquenta anos depois, os motivos que afastam as mulheres trabalhadoras das atividades culturais são os mesmos? No caso dos museus e não no da leitura, que constituiu o interesse de Bosi, o que mais está em jogo nesta equação?

Partindo dessas inquietações, o estudo foi organizado a partir de um referencial teórico que articula autores como Bourdieu e Darbel (2016), Williams (2017) e Rússio (2010a, 2010b, 2010c, 2010d, 2010e, 2010f, 2010g). Do ponto de vista metodológico, optou-se pela história oral conforme a vertente de Meihy (2006). Entrevistas de história oral temática foram realizadas com trabalhadoras da limpeza do museu, com perfis diferentes quanto à idade e tempo de serviço, abordando questões relacionadas, principalmente, a rotina, trabalho, família, tarefas domésticas, lazer e práticas culturais.

Com isto, pretende-se entender, em primeiro lugar, o espaço destinado ao lazer dentro da rotina dessas mulheres e os fatores determinantes para essa situação. A pesquisa também busca compreender se a experiência de trabalho em uma instituição como o Masp, e o contato com arte ali estabelecido, alteram a forma como essas trabalhadoras percebem as atividades de cultura, entretenimento e lazer de maneira geral e influenciam sua prática.

1. Pano de fundo: o Masp

Em *O que é museu* (1986), a historiadora e arqueóloga Marlene Suano desenvolve uma gênese dos museus, desde a Grécia antiga até o Brasil dos anos 1980. Logo no início, a autora afirma que a

[...] formação de coleções de objetos é provavelmente quase tão antiga quanto o homem e, contudo, sempre guardou significados diversos, dependendo do contexto em que se inseria. Estudiosos do colecionismo creem que recolher aqui e ali objetos e “coisas” seja como recolher pedaços de um mundo que se quer compreender e do qual se quer fazer parte ou então dominar. Por isso é que a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo, onde foi formada, e, também, a daquele homem ou sociedade que a coletou e transformou em “coleção” (Suano, 1986, p. 12).

Não é difícil saber quem é “aquele homem” por trás da história do Masp: é ele quem dá nome ao museu. Nos anos 1940, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968), ou simplesmente Assis Chateaubriand, era um dos homens mais poderosos do Brasil. Dono dos Diários Associados, atuante na política, em diferentes negócios e nas artes, estava particularmente empenhado na criação de uma das maiores galerias de arte do mundo no Brasil. A sede seria em São Paulo. Seu plano era arrecadar doações da elite cafeeira e industrial da cidade para comprar obras de grandes mestres a preço reduzido na Europa devastada do pós-guerra (Morais, 1994). O novo prédio dos Diários Associados, no centro de São Paulo, possuía um andar inteiro que seria destinado à galeria. Faltava apenas um diretor para a instituição, que ele encontrou na figura do também jornalista e marchand, o italiano Pietro Maria Bardi (1900-1999). Ele convenceu Bardi a ficar no Brasil para dirigir o projeto, e convidou a arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992), com quem o italiano havia se casado, para assumir a arquitetura do espaço. Mais tarde, Lina projetaria o prédio, na avenida Paulista, para onde a instituição se mudou no final da década de 1960.

O acervo começou praticamente do zero, mas alguns anos — e milhões de dólares — depois, tornou-se o que Chateaubriand desejara. Quando inaugurado, em 2 de outubro de 1947, na rua Sete de Abril, o Masp já possuía, de fato, a coleção brasileira mais importante de “arte antiga e moderna”, como dizia Chateaubriand, reunindo obras da estirpe de El Greco (1541-1614), Rembrandt (1606-1669), Goya (1746-1828), Cézanne (1839-1906) e Renoir (1841-1919).

Chateaubriand dava festas para arrecadar e para celebrar a compra dos quadros: a primeira delas, aliás, ocorria na própria pista de pouso ou no cais do porto onde desembarcavam as pinturas. Seus métodos de arrecadação financeira eram, no mínimo, ousados. Em *Chatô, o rei do Brasil* (1994), o biógrafo de Chateaubriand, Fernando Morais, recupera alguns discursos proferidos por ele nestas ocasiões:

Aprendi com o banqueiro Correia e Castro, aqui presente, e adotei como minha uma técnica de indiscutível eficiência para reeducar a burguesia: anunciar para breve o fim do mundo burguês, que sucumbirá aos ataques soviéticos. Apresento, contudo, a única hipótese de salvação, que é o fortalecimento das células burguesas. Uma das formas de fortalecê-las é doar Renoirs, Cézannes e Grecos ao Museu de Arte. O que significa que enfrentar os bolcheviques pode custar a cada um dos senhores modestos 50 mil dólares (Morais, 1994, p. 483-484).

Em 1968, a nova sede Masp foi inaugurada na avenida Paulista, com a presença da rainha Elizabeth II. Foi a única vez que a monarca esteve no Brasil. Mas apesar de toda pompa, os planos do casal Pietro e Lina para o museu sempre foram democráticos. A arquiteta pensou o vão livre que caracteriza aquela construção “como uma praça pública em movimento” (Perrotta-Bosch, 2021, p. 182) e desenhou os igualmente famosos cavaletes de vidro para que a visita à pinacoteca fosse espontânea, e não ditada pela autoria das obras. Os dispositivos mantêm as obras como se flutuassem, encaixadas em uma grande moldura de vidro sustentada por uma base de concreto, e as legendas encontram-se nos versos dos quadros. O objetivo de Lina era um museu “que se dirige especificamente à massa não informada, nem intelectual, nem preparada” (Perrotta-Bosch, 2021, p. 133).

A primeira exposição temporária da nova sede chamou-se “A Mão do Povo Brasileiro” e reuniu mais de três mil peças (a grande maioria de autores anônimos) dos quatro cantos do país, adquiridas pelo casal em viagens durante vinte anos, além de itens cedidos por colecionadores e antiquários. À imprensa, o casal dizia que aquela seleção era “uma lição de arte dada por gente humilde que nunca ouvir falar em bienais nem em salões de arte moderna” (Perrotta-Bosch, 2021, p. 267).

Se, por um lado, a magnitude da coleção do Masp se apoiava no cânone tradicional da história da arte (branco, europeu e masculino), por outro, a proposta do museu era moderna. Em 2025 ele é, de fato, um museu dinâmico. Em março, inaugurou-se um edifício vizinho, que será interligado ao original por um túnel subterrâneo, fazendo sua área total subir de 10.485 para 21.863 metros quadrados. Com a expansão, o objetivo é aumentar o número de exposições e de público, ter mais espaço para exibir as obras do acervo, além de melhorar a estrutura para serviços já oferecidos, como cursos, seminários, palestras e apresentações de teatro, música e dança. O museu também publica catálogos e antologias regularmente, mantém uma equipe de conservação e restauro de obras, uma biblioteca de acesso público e renova constantemente suas exposições, alternando inclusive trabalhos exibidos no acervo permanente.

2. Desenho de pesquisa

2.1. Teoria

Em *O amor pela arte*, que costuma ser considerada a primeira análise sistemática, quantitativa e qualitativa do público de museus, Pierre Bourdieu (1930-2002) e Alain Darbel (1932-1975) realizaram uma extensa pesquisa em países da Europa, mais especificamente na França, Itália, Países Baixos, Espanha, Polônia e Grécia nos anos 1960, com o objetivo de entender como e em que medida características sociais e econômicas influenciavam a frequência a museus.

Bourdieu, um dos pensadores mais influentes do século 20, é conhecido por suas teorias sobre a reprodução das desigualdades e as dinâmicas de poder entre grupos sociais, baseadas em relações materiais e simbólicas. Neste livro, ele e Darbel concluem que, embora os museus estejam à disposição de todos, apenas alguns dispõem das ferramentas para desvendar os tesouros que eles guardam. Nos referimos a “tesouro” propositalmente, na tentativa de estabelecer uma metáfora: o baú cheio de ouro está na praia, mas só é capaz de chegar até ele e abri-lo quem tem o mapa.

Em outras palavras, a capacidade de apreensão que os autores chamam de formal e complexa, e que é mediada por códigos da cultura erudita, é adquirida desde a infância, no seio familiar, e reforçada durante o período escolar e, por isso, a

educação formal adquire um papel central neste fenômeno. A primeira visita ao museu é “tanto mais precoce quanto mais elevado for o nível de instrução” (Bourdieu e Darbel, 2016, p. 104). Tais códigos resultam da familiaridade com determinadas práticas sociais e conhecimentos sobre história da arte e teorias artísticas — mais disseminadas entre as classes de renda mais elevadas do que entre as mais baixas. A escola, por sua vez, reforça as diferenças em vez de diluí-las, destacando alunos já dotados de algum conhecimento prévio sobre estes assuntos.

Tal processo de socialização com as obras de arte é longo e constante, com resultados que não podem ser obtidos de uma hora para outra: não bastaria ascender na pirâmide social, por exemplo. A apreciação de obras de arte torna-se uma forma de distinção, funcionando como indicador de posição social e de capital cultural. É em casa e na escola que se aprende o que vale e o que não vale ser admirado.

Raymond Williams (1921-1988), autor considerado um dos pais dos Estudos Culturais, dedica-se, em seu livro *Palavras-chave [um vocabulário de cultura e sociedade]*, a investigar a origem e as mudanças de sentido de palavras essenciais à formação da sociedade moderna. Nos verbetes “popular” e “elite”, temos pistas de como as noções de bom e ruim permeiam o que chamamos de cultura, e estão atreladas, novamente, a noções de classe. Se, conforme o autor, o entretenimento popular corresponde àquilo que é tido como menor, o erudito está atrelado ao que é considerado bom e belo. E esse erudito, quase sempre, vem atrelado à noção de elite. Assim como fizeram Lina e Bardi, os Estudos Culturais questionam essa diferenciação entre tipos de cultura e a existência de uma hierarquia entre elas.

Para Bourdieu e Darbel, toda obra é elaborada duas vezes: “[...] pelo criador e pelo espectador, ou melhor ainda, pela sociedade a que pertence o espectador” (Bourdieu e Darbel, 2016, p. 74). No entanto, “a obra de arte considerada enquanto bem simbólico não existe como tal a não ser para quem detenha os meios de apropriar-se dela, ou seja, de decifrá-la” (Bourdieu e Darbel, 2016, p. 69-70). E o que seria decifrar uma obra?

Pelo fato de que as obras que constituem o capital artístico de determinada sociedade, em determinado momento do tempo, exigem códigos desigualmente complexos e requintados, portanto, suscetíveis de serem adquiridos, com maior ou menor facilidade e rapidez, por uma aprendizagem institucionalizada ou não, elas caracterizam-se por diferentes níveis de emissão, de modo que a legibilidade de uma obra de arte para um indivíduo particular depende da diferença entre o nível de emissão, definido como o grau de complexidade e de sutileza intrínsecas do código exigido pela obra,

e o nível de recepção, definido como o grau de controle atingido por esse indivíduo relativamente ao código social que pode ser mais ou menos adequado ao código exigido pela obra (Bourdieu e Darbel, 2016, p. 75).

Ou seja, cada período fornece os meios necessários para que se possa apreender uma obra de arte do passado ou do presente dentro de aspectos não apenas estilísticos, como também históricos e sociais. O grau de decifração está, então, atrelado ao grau de conhecimento que o indivíduo possui. Sem tais códigos, as obras só podem ser apreendidas como simples objetos do dia a dia, sendo mais fácil “entendê-las” quando têm algo a “dizer”.

[...] os sujeitos menos cultos estão condenados a apreender as obras de arte em sua pura materialidade fenomenal, ou seja, à maneira de simples objetos do mundo; e se eles se sentem tão fortemente inclinados a procurar e exigir o realismo da representação é porque, entre outras razões, desprovidos de categorias específicas de percepção, não podem aplicar às obras senão a “cifra” que lhes permite apreender os objetos de seu meio ambiente cotidiano como dotados de sentido (Bourdieu e Darbel, 2016, p. 78).

Como não podemos perder aquilo que não conhecemos, Bourdieu e Darbel ressaltam que os excluídos de desfrutar da prática cultural não chegam a sentir falta do que não conseguem acessar:

Considerando que a aspiração à prática cultural varia como a prática cultural e que a “necessidade cultural” reduplica à medida que esta é satisfeita, a falta de prática é acompanhada pela ausência do sentimento dessa privação; considerando também que, nesta matéria, a concretização da intenção depende de sua existência, temos o direito de concluir que ela só existe se vier a concretizar-se. O que é raro não são os objetos, mas a propensão em consumi-los, ou seja, a “necessidade cultural” que, diferentemente das “necessidades básicas”, é produto da educação: daí, segue-se que as desigualdades diante das obras de cultura não passam de um aspecto das desigualdades diante da Escola que cria a “necessidade cultural” e, ao mesmo tempo, oferece os meios para satisfazê-la (Bourdieu e Darbel, 2016, p. 67-68).

Enquanto para Bourdieu e Darbel a família e a escola são elementos primordiais no processo de formação das ferramentas necessárias para que se possa usufruir do que se vê dentro de um museu, para Waldisa Rússio (1935-1990), precursora dos estudos da museologia no Brasil, é possível que o próprio museu aja como um instrumento de educação.

Rússio foi personagem central na profissionalização do setor no país, e sua contribuição teórica é igualmente relevante. Ela foi responsável pela criação do primeiro curso brasileiro de museologia no nível de pós-graduação, um convênio entre a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp-SP) e o Masp, onde

o curso funcionou nos seus dois primeiros anos. A interlocução entre Rússio, o Masp e Pietro Maria Bardi está descrita no segundo volume do livro *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional* (Bruno, org., 2010), atestando que os ideais de uma instituição mais próxima de toda a população eram desejos comuns.

Para Rússio, os museus deveriam funcionar como condutores do processo de educação, humanização e dignificação da sociedade: “[...] se a educação é um processo contínuo de humanização, como utilizar o museu dentro desse processo? Como ensinar a criança, o adulto, o cientista e o iletrado a lerem na peça exposta o momento histórico, social, artístico e humanístico que ela representa e ela é?” (Rússio, 2010a, p. 54).

Em diversos de seus escritos, também reunidos na obra organizada por Bruno (2010), a indagação da autora é sobre como fazer dos museus locais atraentes e acessíveis levando em consideração o contexto brasileiro. Para ela, tais espaços desempenham papel central na transformação da sociedade num ambiente mais justo e devem assumir uma responsabilidade social. Eis a museologia proposta por ela, e é o que defende também para os profissionais do setor.

A grande tarefa do museu contemporâneo é, pois, a de permitir essa clara leitura [do mundo] de modo a aguçar e possibilitar a emergência (onde ela não existir) de uma consciência crítica de tal sorte que a informação passada pelo museu facilite a ação transformadora do Homem (Rússio 2010b, p. 148).

Para a autora “a cultura não é mais que o trabalho do homem; cultura é o cotidiano fazer e viver. Por isso dizemos que o homem, em seu viver, constrói sua cultura e se realiza a si mesmo ao realizar sua história” (Rússio, 2010c, p. 164). Diferentemente de Bourdieu e Darbel, Rússio via apenas uma “graduação de sensibilidade” (Rússio, 2010d, p. 74) entre o homem comum e o erudito em relação à artefatos úteis e obras de arte. Em diferentes artigos, conforme seus termos, reforça o papel do museu como “agente humanizador” (Rússio 2010d, p. 77).

O processo de desenvolvimento econômico, de que tanto falamos, é apenas um aspecto, um estágio, dentro do processo maior de Humanização: um aspecto, ou estágio, que se perfectibiliza quando a maior parte da população — a camada mais extensa possível — possa usufruir, a consumir, não só os bens econômicos, mas também culturais (Rússio, 2010d, p. 77).

Seu pensamento desenvolve-se a partir da definição do conceito de “fato museal ou museológico”, que se dá quando um objeto é retirado de seu contexto

original e colocado dentro de um museu adquirindo novos significados e permitindo um novo tipo de interação entre homem e objeto.

Relação profunda entre o homem — sujeito conhecedor —, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato etc. Essa relação supõe, em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem “admira o objeto” (Rússio, 2010e, p. 180).

E qual é, segundo a autora, o critério para orientar o que deve ser colocado no museu?

O que preservamos no museu para assegurar essa relação profunda entre homem e objeto, que permite ao homem passar da observação à “admiração”, à introjeção, percepção, ideia, conceito e, finalmente, possibilidade de consciência e ação? Sem dúvida preservamos os registros do homem, do mundo no qual realiza sua trajetória lúcida, e de si mesmo, homem que realiza a si mesmo ao realizar o destino de sua história (Rússio, 2010c, p. 165).

Se “Cultura é o trabalho do homem em todas as suas manifestações e aspectos, Cultura é a relação do homem com o seu meio, com os outros seres, incluindo os outros Homens” (Rússio, 2010f, p. 208), e a escolha destes objetos “musealizados” não é aleatória, a preservação não deixa de ser um ato político: “Preservar por quê? Porque os objetos têm, para nós, um significado (a atribuição de significados é, também, um dado cultural)” (Rússio, 2010f, p. 208). Seja por saudosismo, para valorizar bens ou para informar, os objetos refletem quem (ou o grupo que) os escolheu, tal como visto anteriormente com Marlene Suano.

Seguindo a mesma lógica, apresentar uma exposição não é um fato neutro; uma exposição é “uma mensagem”, “um discurso”, “uma linguagem” (Rússio, 2010g, p. 139):

Os objetos de uma exposição não são aleatórios: além de refletirem critérios implícitos ou explícitos de seleção (e de quem a faz), eles representam um contexto anterior (de que emergem) e sua leitura será tanto mais acessível quanto contextualizada (contexto do leitor) (Rússio 2010g, p. 139).

Tal como defende a autora, o “certo é que não estamos fazendo museus nem de ‘todos os homens’ nem ‘para todos os homens’. Como também sequer fazemos museus ‘com todos’, ou ao menos ‘com alguns dos homens’” (Rússio, 2010c, p. 169).

É neste sentido que, para nós em particular, interessa entender se a proximidade das mulheres pesquisadas com o museu transformou o entendimento

que possuíam sobre cultura até então, e se gerou alguma mudança concreta em suas rotinas.

2.2. Método

Este trabalho valeu-se da história oral temática no processo de escuta das entrevistadas. História oral como “prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato” (Meihy, 2006, p. 134), e temática pois prevê conversas sobre determinado assunto, com um roteiro de perguntas voltado para a questão central.

Para tanto, escolhemos o formato de entrevistas semiestruturadas. A ideia era conversar com funcionárias da limpeza do Masp com base em um roteiro prévio, desenhado com o auxílio do referencial teórico discutido acima, embora flexível o suficiente para deixá-las à vontade em relação a questões pertinentes não antecipadas pelas perguntas. O objetivo era que elas pudessem falar de suas vidas com interesse particular nas rotinas de trabalho e de lazer; isso tudo para que fosse possível analisar a sua relação com o Masp em uma perspectiva de passado, presente e futuro. A pesquisa aqui apresentada baseou-se em três entrevistas, realizadas pela primeira autora com as mulheres relacionadas no quadro 1. As entrevistas foram feitas pessoalmente no próprio museu (no caso das duas primeiras), e por meio de videochamada (a terceira). Foram gravadas com o consentimento das participantes, as quais também autorizaram a sua identificação pelo nome.

Quadro 1- Relação de entrevistadas.

Nome	Perfil	Data e local
Luci	53 anos de idade, divorciada, mãe de três filhos adultos. Trabalha no Masp há 9 anos.	Entrevista presencial, no Masp, em 22.10.2024
Jéssica	30 anos, casada, mãe de três crianças. Trabalha no Masp há 1 ano.	Entrevista presencial, no Masp, em 24.10.2024
Maria	44 anos, união estável, dois filhos adultos. Trabalhou no Masp durante 5 anos e meio, até 2023.	Entrevista por videochamada em 08.11.2024

Fonte: elaborado pelos autores.

O resultado das entrevistas é apresentado, a seguir, no formato de transcrições, tal como proposto por José Carlos Sebe B. Meihy (2006). O conceito

consiste em uma transcrição editada a partir dos depoimentos gravados. Não se trata da reprodução exata das falas: são textos que mantêm o tom vital da conversa, adaptando-as do formato oral para o escrito. O que foi dito pelas entrevistadas está portanto mantido, suprimindo-se as redundâncias e unificando os parágrafos de maneira temática — “traduzindo” de certa forma a fala coloquial, normalmente com idas e vindas, pausas, repetições, para um texto para ser lido. A transcrição, por isso, já contém certa dose de análise. Trata-se da “entrevista trabalhada já em sua fase de apresentação pública. As correções gramaticais, as frases completas, tudo deve estar estabelecido nesta etapa” (Meihy, 2006, p. 150).

3. Luci, Jéssica, Maria e seus relatos sobre o museu: transcrições

3.1. Luci

Eu me sinto em casa no museu. Entrei em 2015, então no ano que vem [2025] são dez anos trabalhando no Masp. Tenho uma história aqui dentro, muita vida vivida. Deste tempo em que estou aqui, a terceirizada da limpeza que atende o museu foi trocada duas vezes, e eu continuo. Gosto muito do ambiente, das pessoas, da administração. Procuro sempre fazer além do esperado e motivo os meus a fazer o mesmo.

Nós trabalhamos cinco dias por um, e meu horário é das 11h40 às 20h. Moro em Ferraz de Vasconcelos, no Jardim São João, e levo cerca de uma hora e meia para chegar e depois para ir embora do museu. Acho que o transporte está ficando mais eficiente. Se trabalhamos em feriados, por exemplo, não ganhamos hora extra, mas ganhamos hora de banco. Então a gente programa para ter uma folga a mais, uma dobradinha... Um dia de folga só é muito pouco e, querendo ou não, continuamos com a mesma responsabilidade de manter a casa, a alimentação.

Nos meus dias de folga, amo ir ao cinema, devo ir uma vez por mês e se pudesse ia mais. E temos um grupinho com o pessoal do trabalho para ir ao teatro. Às vezes conseguimos ir uma vez por mês, às vezes menos, depende da nossa programação e do nosso ânimo. E sempre que tem peça no teatro aqui do Masp, eu assisto. No cinema costumo ir com a família, levar minha neta para ver os filmes infantis. Com cada membro da família a gente tem um tipo de passeio, e eu estou junta sempre, no meio de todos.

Na semana passada fui assistir ao segundo filme do Coringa. Particularmente, acho o primeiro e o segundo maravilhosos. Esse segundo é mais musical, o primeiro é mais pesado. Mas é o primeiro que te faz entender o segundo. Eu amo filme infantil, policial, espacial, de ficção científica, de comédia... Só não gosto de terror. No teatro, geralmente o gênero é drama. Há dois meses, assisti à peça de uma colega de trabalho que fez curso de teatro. Ela foi da limpeza e agora é orientadora de público. Ela também fez uma peça infantil, mas caiu no dia do primeiro turno das eleições, e eu não consegui ver.

Você acredita que o único museu em que eu fui além do Masp foi a Japan House³? Foi num dia em que saí daqui pra ir pra lá, inclusive. Era uma exposição de miniaturas, uma graça. E são coisas que são gratuitas, então a gente tem que aproveitar. A gente é que não é muito deste tipo de programação, de exposições. O cinema tem a praticidade a favor. Mas prometi pra minha neta levá-la numa peça, vamos ver se consigo fazer isso agora nas férias.

Meu filho do meio trabalha na área de orientação. Ele já passou por alguns museus, pela Japan House e agora está no Itaú Cultural. Eu quero me corrigir nisso, porque tem muita coisa pra gente ver. Como estou nessa nova fase, quero explorar mais o que tem de bom pra gente.

O Masp é o primeiro museu em que entrei. Sempre ouvi falar, mas não sabia como funcionava, imaginava uma coisa inacessível. Acho que é ignorância de não procurar conhecer. A partir do momento que vim pra cá, vejo que tudo é acessível pra gente. Só na avenida Paulista são vários os museus e as instituições a que você pode ir de graça.

Antes de trabalhar aqui, não me imaginava indo ao teatro, por exemplo. Pensava: “Esse tipo de coisa é só pra quem tem dinheiro”. Eu não conhecia a Paulista até então, trabalhava num condomínio no Aricanduva⁴, assim como trabalhei em escola. A vida era outra.

De cinema eu sempre gostei, mas frequentar teatro é uma mudança que veio a partir do Masp. Eu gosto de ver a interpretação das pessoas ao vivo, ali na nossa frente. E, dependendo da história, a gente vibra, dá risada, fica emocionado.

³ A Japan House São Paulo é um centro cultural voltado à difusão da cultura japonesa, mantido pelo governo do Japão, com sede na avenida Paulista, nas proximidades do Masp.

⁴ Jardim Aricanduva, bairro na zona leste de São Paulo.

Costumo conversar com a minha filha sobre como a gente evoluiu um pouco culturalmente em comparação com o pessoal que mora no mesmo lugar onde morávamos antes. A vida deles é só aquele círculo, casa-trabalho-trabalho-casa, elas não saem para conhecer outras coisas, mas é difícil mesmo. Onde moro não é mais São Paulo, é estado de São Paulo. O centro da cidade tem muita coisa pra conhecer, mas são poucas as pessoas que saem de lá pra cá.

Sempre quando uma exposição nova abre, o curador ou a curadora faz uma palestra sobre [a exposição], e a gente é convidado a participar. Quando acompanhamos a curadoria, a gente vê de uma maneira. Sozinha, você pode fazer a visita no seu tempo, mas, apesar de ter que acompanhar o tempo do grupo, com mais gente você tem acesso a mais conhecimento.

Quando a nossa equipe passa por renovações, o pessoal do acervo também dá uma orientação para nós sobre o que significa manter aquela obra, o que eles fazem para preservá-la: até onde podemos ir, o que podemos fazer ou não. E isso agrega muito ao nosso currículo. Cada pessoa que passa por aqui, independentemente de ficar ou não, fica com isso para ela. E é uma coisa incrível o que eles fazem para preservar a obra. A pessoa que se interessa vai dar valor e entender que não é um simples quadro. Quando eles falam a idade, penso: “Não quero chegar nem perto!”. Como isso está tão preservado? Aí entendemos o trabalho deles.

Geralmente conseguimos visitar as exposições durante o horário de trabalho mesmo. De segunda, quando o museu é fechado para o público, podemos parar, olhar e ficar bem à vontade. Como estou na liderança, preciso verificar se foi ou não foi feito. Você está ali limpando, tirando a digital de um vidro, e, de repente, você percebe: “Olha que interessante, não tinha visto esse ainda, olha essa artista!”. Por exemplo, no segundo andar, as legendas estão todas atrás das obras. Você vê a obra na frente, faz a sua interpretação e depois vai ver a legenda do que se trata. Às vezes não bate? Não, mas foi a minha interpretação, e ela é válida.

Acho que dá pra se virar tranquilamente numa primeira visita sozinho. Logicamente, tem obras que você não vai captar o que o artista quis passar, mas é tudo uma questão de pesquisa. Se você se interessa por uma obra específica, você vai procurar sobre isso depois para entender melhor, até mesmo no site do próprio Masp. Por exemplo, na terça-feira, que é o dia gratuito, a gente vê de tudo. Algumas pessoas falam: “É só isso?”. Outros não, se encantam porque nunca viram aquilo.

Lembro das artistas do grupo Guerrilla Girls⁵. Naquela época, levantou-se a questão das artistas mulheres no museu e, depois disso, o museu passou a prestar mais atenção neste tópico, incluindo mais artistas mulheres, que eram muito poucas. Foi um alerta. Estava na cara, mas até então ninguém se atentava. Como sempre, a mulher desvalorizada, abaixo, menos. Acho que isso pode, sim, mudar muito ainda, mas nunca vai mudar tudo. A mulher conquistou muito, mas ainda falta muito.

Na minha opinião, falta algo entre o público e o museu. Sinto que há uma distância entre a entrada da galeria e o visitante. Acho que, no final, estou querendo falar do ser humano. Eu amo falar, então pra mim faltam pessoas falando com pessoas. Visitantes pedem muita informação para gente da limpeza, por exemplo. O que acontece é que eles não olham. Às vezes há uma pequena sinalização, e eles não veem. Não sei se é preguiça ou porque as pessoas hoje em dia não veem nada na frente mesmo, mas acho que faltam mais pessoas simpáticas para recepcionar, falta calor humano.

A pessoa que trabalha com o público tem que ter vontade de estar ali, e as pessoas hoje em dia parece que só querem fazer o horário delas, trabalham no automático. Isso torna o lugar frio. Claro que o visitante vem pra ver as obras. Mas, por exemplo, quando eu vou ao supermercado, não gosto das máquinas, gosto de passar no caixa pra ter alguém para me receber. O museu deveria ser mais acolhedor, mais acolhedor. Na terça-feira, muita gente vem por curiosidade, mas, se você chega e conversa, conta a história do que está ali, talvez ela se interesse, comece a se inteirar até mesmo pela arte.

Tem um guia que vem aqui. Ele vem e traz a turma dele, e eu acho superinteressante. Ele para em frente à obra e explica. E você sente o interesse que ele tem por tudo. É o trabalho dele, claro, mas ele faz isso com empolgação e passa isso pras pessoas. Eu não participo, vejo isso de longe: “Poxa, ele fez eu me interessar por aquela obra”. Tem um lado realmente de não incomodar, eu não vou te abordar e perguntar se você quer saber sobre tal coisa, vai do interesse de cada um. Mas, se eu chego tímida e, ao mesmo tempo, curiosa... nunca entrei na galeria, às vezes tenho até medo de entrar e do que vou encontrar, aí você chega e conversa comigo, eu vou perder o medo.

⁵ O coletivo estadunidense de artistas feministas Guerrilla Girls teve exposição no Masp entre 2017 e 2018.

Da loja do museu, tenho algumas canecas. E eu ganhei o livro de 70 anos do Masp do ex-esposo. Ele também é funcionário e tirou o livro de aniversário. Eu tenho vários livros, mas esse pra mim é especial, porque também estou nele. Eu fiz a foto com a Adriana⁶ no segundo andar. É meu lugar preferido do museu, tem muitas obras lá das quais eu gosto muito.

Quando cheguei aqui, foi o espaço que me impressionou muito e continua me impressionando até hoje. Já foram tantas exposições, não lembro qual exposição estava em cartaz quando cheguei, mas eu gostei muito da visão do mezanino para o segundo subsolo. Tanto que eu sempre recomendo que as pessoas usem a escada em vez do elevador, de onde você tem uma visão ampla. Um tempo atrás ela estava colorida, maravilhosa.

Também já tive o privilégio de ir lá embaixo, onde começa a viga do museu, no terceiro subsolo. Aquele cimento rústico, cimento com pedra, é uma coisa maravilhosa.

Sem dúvida, a exposição da Tarsila do Amaral foi inesquecível. As obras são maravilhosas, e a quantidade de gente... eu fiquei impressionada. Todos os dias estavam cheios. Eu amava lidar com aquele monte de gente, aquela loucura. Aquela obra do pé grande, acho ela muito boa⁷. E me marcou muito também porque meu ex-esposo trabalhou por dez anos no shopping do Metrô Tatuapé e, certa vez, no final do ano, ganhou um calendário, e as folhas eram obras de Tarsila. O ano acabou, e eu guardei porque achei muito lindo e, de repente, eu pude ver tudo aquilo pessoalmente.

O quadro das meninas, do Renoir, também é inesquecível⁸. Uma delas tem cara de triste, de choro. Naquele tempo, criança não tinha vez. A estátua da Diana⁹ é uma das minhas preferidas. Gosto da coragem dela de se despir assim. Eu acho que ela nos representa, as mulheres. O que me chama mais atenção são os quadros com pessoas, é incrível a pincelada deles. A exposição “A mão do povo brasileiro” também me marcou muito. A gente termina lembrando nossa vida de interior, eu vim bem do

⁶ Colega de trabalho, da equipe de limpeza do museu.

⁷ Refere-se a *Abaporu* (1928), quadro de Tarsila do Amaral, exposto no Masp em 2019.

⁸ *Rosa e azul – as meninas Cahen d’Anvers* (1881), de Pierre-Auguste Renoir, pintura no acervo permanente do Masp.

⁹ Na verdade, refere-se a *Vênus Vitoriosa* (*Venus Victrix*), 1916, escultura de Renoir no acervo permanente do Masp.

interior mesmo, depois eu fui pra cidade, então tudo aquilo que estava exposto a gente conhece.

O preço do ingresso é válido pela riqueza de experiência do que você vai encontrar dentro do museu, mas infelizmente é inacessível para a maioria. Eu dificilmente pagaria R\$ 70 num ingresso para entrar. Ainda bem que tem os dias gratuitos para as pessoas se programarem para visitar.

3.2. Jéssica

Nos meus dias de folga, eu cuido da casa e das crianças. Faço o que não dá pra fazer durante a semana e não sobra muito tempo para passear. No museu, eu faço o horário das 12h40 às 21h. Enquanto estou aqui, as crianças estão na escola. Quando voltam, ficam com o pai, que trabalha à noite.

Uma vez a cada três meses, mais ou menos, conseguimos ir a shows. Gosto de forró. Eu nasci em São Paulo, mas fui pra Bahia com um ano e morei lá até a vida adulta. Só tem sete anos que estou aqui. Fui e voltei com minha família, e moramos numa cidade chamada Oliveira dos Brejinhos. Inclusive, no próximo dia 15, eu e meu marido vamos num show do Calcinha Preta, na Arena Sertaneja. As crianças vão ficar com a avó. Temos que ter esses momentos, não sempre, até pelos gastos com ingresso, consumo no show e tal. A gente também costuma ir a parques para levar as crianças, geralmente vamos no que fica em frente à nossa casa, e elas também brincam no parque do condomínio onde moramos.

Não costumo frequentar outros museus, aqui é o primeiro. Meu filho, sim, já foi no Museu do Futebol, também no Aquário de São Paulo, sempre com a escola. Inclusive, não conhecia o Masp, só quando vim trabalhar aqui. Achei o museu incrível. Antes, pensava que era um lugar mais tranquilo, mais reservado, onde nem todo mundo podia entrar, e não essa agitação que, de fato, é. Percebi que é totalmente diferente. Não sabia que tinha um dia gratuito. Tem gente que não conhece por conta disso. Hoje em dia, a maioria das pessoas está desinformada, só procura aquela informação se precisa dela. A pessoa passa aqui na frente, acha que é caro ou não sabe como funciona, e acaba não procurando se informar.

O ingresso não é caro, são coisas diferentes que você vai ver, obras de arte. É como se fosse no aquário e zoológico, onde você vai ver os animais.

A Luci me apresentou tudo quando cheguei, e achei muito interessante. Não lembro da exposição que estava em cartaz, sei que as escadas tinham jacarés desenhados, era a coisa mais linda¹⁰. É muito interessante ver as galerias serem montadas e desmontadas.

Este é meu segundo emprego. Antes trabalhava numa farmácia. Só saí de lá porque fechou mesmo, a rede faliu, mas eu gostava. Trabalhei nela por sete anos, assim que cheguei da Bahia, por indicação da tia do meu marido, que era farmacêutica lá. Comecei como caixa e passei para fiscal de caixa. Quando tive meu bebê, pretendia esperar ele nascer e tentar entrar numa farmácia de novo, uma área da qual gostei muito. Só que foi difícil, estava com uma criança pequena e não me chamaram. Decidi tentar a área da limpeza e deu certo. Então vim pra cá e gostei.

As pessoas que trabalham aqui são acolhedoras, nos tratam muito bem. Acho que a maioria que começa a trabalhar aqui gosta. É difícil querer sair, a não ser que você consiga algo melhor.

Nunca participei de nenhuma atividade do museu, a não ser um treinamento com o corpo de bombeiros para prevenção de incêndio.

Durante o horário de trabalho, a gente está sempre fazendo giro, então não dá tempo de olhar as exposições com calma, mas estamos sempre andando pelas galerias.

Eu gostei muito da exposição do Francis Bacon¹¹. Eu olhava e tornava a olhar, gostei da forma como ele falava sobre a carne, sem defeitos. Não só eu, muita gente que vem visitar ainda pergunta sobre essa exposição. Se fosse pra escolher uma obra favorita, seria a dele. Tinha uma com uma pessoa virada de costas, não vou me lembrar do nome. Achei interessante, ela estava meio bagunçada, difícil de entender. Também li o texto de parede da exposição do Leonilson¹², que entrou no lugar do Francis Bacon, mas não me chamou tanta atenção. Tem muitos desenhos, achei mais infantil, mas tem gente que gosta, né?

Também gostei da mostra da Lia D Castro, principalmente pela forma como ela pinta. Como fui lá pra limpar, parei pra ler o texto na entrada e descobri que ela usa

¹⁰ Refere-se à mostra MAHKU: *Mirações*, que esteve em cartaz em 2023 com obras do coletivo artístico indígena MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin.

¹¹ A exposição de Francis Bacon esteve em cartaz no Masp entre março e julho de 2024.

¹² A exposição de Leonilson esteve em cartaz no Masp entre agosto e novembro de 2024.

esperma para fazer as obras. Achei muito curioso e fui ver as obras. E ela pinta as pessoas com quem ela ficava.

Também gosto das obras do segundo andar. Se fosse pra ter uma na minha casa, escolheria a escultura de pedra branca, uma mulher nua deitada. Acho ela bonita, muito bem-feita. Tem uma em pé e outra deitada. Tem a bailarina também¹³. E tem outra obra que eu acho muito linda, do menino que derrama o leite¹⁴. Na verdade, acho que trocaria e escolheria esta. Tinha me esquecido. Prefiro obras que retratam pessoas. Se é uma obra com rabisco, eu não vou entender, é mais pra quem já gosta de história e de arte.

Numa visita fora do horário de trabalho, eu preferiria vir acompanhada, porque eu já conheço. Tenho planos de trazer meu marido e filhos para visitar, mas depende dele. Ainda não deu certo pelos horários.

Não acho que falte nada pra visita ser melhor, nem é preciso um conhecimento prévio sobre as obras ou o artista para aproveitar. Os orientadores já estão bem entendidos, se o visitante tiver dúvida, eles podem ajudar.

3.3. Maria

Eu saí do Masp em 2023, quando a empresa perdeu o posto. Passei cinco anos e seis meses no museu. Hoje, trabalho numa empresa em Perdizes; cuido da casa e do escritório de um homem. Quando saí, ainda estava com a mesma empresa do Masp e me levaram para um banco. Fiquei quatro meses lá, mas sofri um pouco de estresse por conta da empresa. Pedi as contas e entrei nesse emprego em que estou agora.

Nos meus três primeiros anos no Masp eu entrava às 6h e trabalhava até as 14h20. Depois mudei pra tarde e trabalhava das 13h40 às 22h. Atualmente, eu entro às 8h e saio às 17h. Sem trânsito, gasto mais ou menos 1h20 para ir e voltar. Aos sábados, trabalho só quatro horas, entro às 8h e saio às 11h, e domingo é folga.

No sábado, quando eu chego, limpo a casa com meu marido. No domingo, curto uma musiquinha, faço minhas comidas do Nordeste, tomo uma Catuaba, escuto

¹³ Refere-se a *Bailarina de catorze anos* (1880), de Edgar Degas, escultura no acervo permanente do Masp.

¹⁴ Refere-se a *Amnésia* (2015), de Flávio Cerqueira, escultura no acervo permanente do Masp.

uns bregas. Porque o cearense gosta de sertanejo, brega, forrozinho pé de serra também. Amado Batista, sou fã dele!

No final de semana, vou pra casa do meu tio. Vamos escutar uns bregas, meu marido canta, quando dá 19h estamos voltando, mas muito felizes. Faz quinze dias que não vou, mas costumamos passar o domingo na zona sul, ali em São Joaquim. A gente fica no barzinho, curtindo, comendo e passamos o dia assim.

Vou muito a shows. Fui pro Centro de Tradições Nordestinas com meu marido na semana retrasada, pra ver Raimundo Fagner, meu conterrâneo, e Falamansa. Ficamos até 4h da manhã. O próximo show é em novembro, em Pinheiros, no Carioca Club, do grupo Éramos Todos Jovens. Eu gosto dessas músicas, “mais velhas do que papai”.

Já fui muito para cinema e teatros, mas, de uns tempos pra cá, nunca mais. Já fui ao cinema com minha filha, com alguns paqueras que tive. Eu gosto também, mas agora dei uma parada. O último filme que vi no cinema foi em 2018. Também já fui ao teatro no Masp, uma vez que ganhamos o ingresso do museu. Lembro que estava de folga neste dia. A peça era com a Christiane Torloni, foi muito bom. Foi a última vez em que fui ao teatro, acho que foi no finalzinho de 2022 para 2023. A peça acontecia todos os dias, durante quinze dias se não me engano, e nós ganhamos a entrada. Show, eu vou todo ano. Ano passado fui ver Amado Batista, Victor e Leo. Neste mês, já fui, e mês que vem vou de novo.

O Masp foi o primeiro museu que visitei e, depois de sair de lá, não frequentei nenhum outro museu. Eu tinha direito a uma visita, e minha filha foi com a amiga dela da escola visitar e passou o dia lá. Ela gostou, achou muito bonito lá dentro. E o Masp é muito bonito mesmo, muita obra, muita coisa boa. Era pra ter levado meu marido também, mas não deu tempo.

Isso é engraçado. Geralmente a gente fala: “Coisa do tempo do museu”. Eu achava que os museus só tinham coisas antigas, velhas, feias. Mas eu achei o Masp muito bonito, interessante. Antes de conhecer, achei que seria um lugar caindo aos pedaços. Inclusive o Masp é bem velho, né? Tem uns 70 anos. Então eu achava que só teria coisas muito antigas. Quando eu entrei lá, disse: “Não, museu é outra coisa, é bonito, é moderno. Tem obras chiques, coisas bonitas que vêm de fora”. Como, por exemplo, a exposição da Tarsila. Nós trabalhamos muito naquele ano, era muita gente.

Não consegui visitar essa exposição com calma depois do horário de trabalho porque não dava tempo. Fui uma vez, depois do expediente, pra tirar uma foto, correndo, doida pra ir embora, mas, como tinha muita coisa bonita, eu fui pra tirar foto, pra ter a lembrança pra mim, eu gostava de estar no meio de tudo.

Eu fui duas vezes no mezanino tirar foto, tirei foto na escada. Eu tenho essas fotos no Facebook e no Instagram. Logo que me arrumava pra sair, ia lá e pedia pro segurança tirar a foto pra mim. Nunca deixei de participar. Sempre ia e tirava uma foto, das obras também. Eu era muito curiosa.

Quando a gente estava limpando, ficávamos olhando os quadros quietinhas, tirávamos uma foto escondida. Dava, sim, curiosidade e a gente olhava, ficava curtinho, a gente também é filha de Deus.

Um dia, às 21h, a Analu e a Juliana¹⁵ pararam a gente pra explicar sobre uma obra que ia pra lá. Não lembro quais eram as obras, sei que eram muito bonitas. Elas explicaram tudo muito bonitinho, mas eu não decorei. Lembro que eram muitas santinhas. Eram esculturas. Isso porque precisávamos ter uma ideia. Como trabalhávamos lá, precisávamos saber como entrar no acervo, as regras sobre tocar e mexer nos objetos, e também o significado de tudo.

Nesses momentos em que fui na exposição depois do trabalho, preferia ir acompanhada, com as colegas que também trabalhavam lá. Assim conversávamos como era importante estar trabalhando ali e vendo aquelas obras de pertinho.

Eu acho que o visitante tem que saber um pouco antes do passeio para aproveitar a exposição. No meu conceito, acho que falta uma explicação para o visitante saber o que significa aquela obra. Uma pessoa ali poderia explicar tudo que está naquele andar, naquele quadro, naquela obra, sabe? Tem gente que entra lá e não sabe o que é um quadro daquele, o que significa, de onde vem, o valor que tem, para onde ele vai. Porque tem obras que ficam um tempo, outras passam dois ou três meses e vão pra outra cidade ou país. E o visitante fica perdido.

Na loja, comprei uma caneca com o nome do Masp para dar de presente para uma amiga. Comprei umas canetas uma vez, ganhei o catálogo da Tarsila e, como para os funcionários era mais barato, eu comprei um também, mas não me lembro qual.

¹⁵ Colegas que trabalham no acervo do museu.

O ingresso custa caro, mas eles vendem, né? E tem a terça-feira, que é de graça, para as pessoas que não têm condições. Aí compensa! Mas pras pessoas que não têm muito dinheiro, eu acho caro. Podia ser uns R\$ 35 ou 40, assim dava pra todo mundo entrar.

As colunas do prédio me chamaram muito atenção quando cheguei. Eu achava que, quando a gente entrava, a coluna descia, mas não, ela fica no meio e é a gente que desce e sobe. Pense numa obra bem-feita: é este prédio. Eu fui num outro museu, o do futebol, também é muito bonito lá, mas não como o Masp. Fui enquanto trabalhava lá, com colegas de trabalho. Foi num dia de graça, elas me chamaram e fomos. Nem entendo muito de futebol, mas achei bonito, tinha um par de chuteiras tão lindo, o Bebeto desenhado. Fiquei lá, curiando. Estava muito apressada e não tirei fotos. Qualquer dia desses, vou lá de novo.

Tenho vontade de ir naquele museu que foi reformado e inaugurado há pouco tempo, o Museu do Ipiranga. Durante o final de semana, se a gente tirar um tempo pra fazer o lazer, dá tempo, sim. Faço almoço e deixo pronto ou como fora, dá pra sair, sim. Quando eu quero, não quero nem saber, não tenho criança pequena mais. Tem que curtir enquanto pode.

Fora as da Tarsila, tinha outras obras muito bonitas, mas não lembro o nome. Tinha uma no acervo de um menino derramando uma latinha na cabeça, é daquele que eu gosto¹⁶. Lá no meio tem uma mulher toda despida, num quadro bem bonito, tipo num rio, uma mulher numa pedra, ela é bem morena, bem bonita. Ela fica deitada com uma mata atrás dela. E tem outra obra lá, não sei se tiraram, que é uma mulher deitada dentro dum vidro, bem morena também, com o peitão de fora e as meninas brincavam: “Meu deus, essa mulher pelada aqui!”. E eu: “Gente, deixa a bichinha!”. Bem pretinha ela. Essa é uma estátua, dentro de um armário de vidro, muito bonita. Essas três eu acho lindas. No acervo tem muita obra, você acaba decorando. Essas não vão sair da minha cabeça. Eu não lembro o nome dos pintores. Tem o nome lá, mas eu não decoro não, minha cabeça está ruim.

Depois de ter trabalhado no museu, fiquei mais conhecida. A gente acaba desenrolando, aprendendo muita coisa quando trabalha num lugar assim. Eu aprendi muito graças a Deus. Gostei bastante.

¹⁶ Refere-se, assim como Jéssica, à obra *Amnésia* (2015), de Flávio Cerqueira, pertencente ao acervo do museu.

4. Cruzando as vozes: o que atravessa as falas

Apresentadas as entrevistas, passamos a analisá-las à luz do referencial teórico — em especial conceitos de Pierre Bourdieu e Waldisa Rússio, que pudemos ver se materializarem na fala das entrevistadas. Se, para Bourdieu e Darbel, decifrar uma obra de arte depende do conhecimento de códigos resultantes de um processo longo de socialização e familiaridade com museus, trabalhos artísticos e temas correlatos, poderíamos, logo de início, concluir que a forma de apreensão do objeto artístico pelas mulheres entrevistadas seria diferente — e, de fato, foi —, o que não significa que elas não conseguiram se conectar com os trabalhos expostos. Uma análise mais complexa pode se beneficiar de conhecimentos não apenas sobre história da arte, mas também sobre o contexto em que o artista ou a artista viveu e produziu, já que as obras sempre são produtos de seu tempo.

Segundo os autores, sem tais ferramentas, uma obra é compreendida quando se dispõe de uma mensagem mais “óbvia”, por assim dizer. Nesse sentido, quanto mais abstrato for um trabalho, será mais difícil de acessá-lo. Todas as entrevistadas, ao serem questionadas sobre obras ou exposições favoritas, escolheram trabalhos figurativos, com pessoas ou animais representados: as pinturas de Tarsila do Amaral, as narrativas ritualísticas do coletivo MAHKU, as figuras de Francis Bacon e a escultura do menino negro que derrama um balde de tinta branca sobre a sua própria cabeça, de autoria de Flávio Cerqueira.

Luci: O que me chama mais atenção são os quadros com pessoas, é incrível a pincelada deles.

Jéssica: Prefiro obras que retratam pessoas. Se é uma obra com rabisco, eu não vou entender, é mais pra quem já gosta de história e de arte.

Ainda assim, os mesmos autores afirmam que uma obra sempre é elaborada duas vezes: primeiro pelo autor e, depois, pelo espectador. Todas as entrevistadas indicaram suas obras preferidas, justificando a escolha.

Luci: Lembro das artistas do grupo Guerrilla Girls. Naquela época, levantou-se a questão das artistas mulheres no museu e depois disso o museu passou a prestar mais atenção neste tópico, incluindo mais artistas mulheres, que eram muito poucas. Foi um alerta. Estava na cara, mas até então ninguém se atentava.

Jéssica: Eu gostei muito da exposição do Francis Bacon. Eu olhava e tornava a olhar, gostei da forma como ele falava sobre a carne, sem defeitos. Também gostei da mostra da Lia D Castro, principalmente pela forma como ela pinta. Como fui lá pra limpar, parei pra ler o texto na entrada e descobri que ela usa esperma para fazer as obras. Achei muito curioso e fui ver as obras. E ela pinta as pessoas com quem ela ficava.

Waldisa Rússio, por sua vez, compreendeu o próprio museu como um instrumento de educação e humanização. Observa-se, nesse aspecto, uma relação desse tópico com a resposta das entrevistadas à seguinte pergunta: “Na sua opinião, falta algo para a visita ser melhor? Mais textos, por exemplo, sobre artistas, obras etc.?”

Luci: Na minha opinião, falta algo entre o público e o museu. Sinto que há uma distância entre a entrada da galeria e o visitante. O museu deveria ser mais acolhedor, mais acolhedor. Na terça, muita gente vem por curiosidade, mas se você chega e conversa, conta a história do que está ali, talvez ela se interesse, comece a se inteirar até mesmo pela arte.

Maria: Eu acho que o visitante tem que saber um pouco antes do passeio para aproveitar a exposição. No meu conceito, acho que falta uma explicação para o visitante saber o que significa aquela obra. Uma pessoa ali poderia explicar tudo que está naquele andar, naquele quadro, naquela obra, sabe?

Ao se tornar um espaço de aprendizagem, o museu pode aproximar o público e, em certa medida, até mesmo fornecer as ferramentas de que falam Bourdieu e Darbel.

Diferentemente de Bourdieu e Darbel, Rússio argumentava existirem diferentes graus de sensibilidade entre o homem comum e o erudito no momento da apreensão das obras de arte. Nesta pesquisa, esta é uma perspectiva válida para analisar as entrevistas: a convivência com o museu e sua coleção parece ser um impulso na direção da sensibilidade tratada pela autora.

Luci: Você está ali limpando, tirando a digital de um vidro e, de repente, você percebe: “olha que interessante, não tinha visto esse ainda, olha essa artista!”.

Maria: Quando a gente estava limpando, ficávamos olhando os quadros quietinhas, tirávamos uma foto escondida. Dava, sim, curiosidade e a gente olhava, ficava curtinho, a gente também é filha de Deus.

Tanto a rotina de afazeres domésticos quanto o valor do ingresso foram fatores citados por elas nas questões sobre o tempo dedicado ao lazer e sobre o tipo de lazer favorito. No momento de escolher como preencher o dia livre, o cinema e os shows de música — que também são pagos e igualmente acompanham gastos de

deslocamento, comida e bebida — aparecem à frente. Por isso, no caso dos museus, parece não ser possível separar tais razões da questão dos tipos de público que se sentem convidados a entrar e frequentar esses espaços. Aqui, voltamos a Bourdieu, Darbel e ao simbolismo atrelado a esse tipo de ambiente, ao capital cultural e à posição social.

Nenhuma delas nunca havia estado em um museu antes. Todas tiveram suas percepções — tanto sobre o que havia dentro dele quanto sobre ser acessível a qualquer público — alteradas ao entrar no Masp pela primeira vez. Mas, se o contato intenso não foi capaz de alterar suas rotinas, indica uma nova interpretação sobre o tema.

Luci: O Masp é o primeiro museu em que entrei. Sempre ouvi falar, mas não sabia como funcionava, imaginava uma coisa inacessível. Acho que é ignorância de não procurar conhecer. A partir do momento que vim pra cá, vejo que tudo é acessível pra gente, só na avenida Paulista são vários os museus e as instituições a que você pode ir de graça.

Jéssica: Antes, pensava que era um lugar mais tranquilo, mais reservado, onde nem todo mundo podia entrar, e não essa agitação que de fato é. Percebi que é totalmente diferente. Não sabia que tinha um dia gratuito. Tem gente que não conhece por conta disso. Hoje em dia, a maioria das pessoas está desinformada, só procura aquela informação se precisa dela. A pessoa passa aqui na frente, acha que é caro ou não sabe como funciona, e acaba não procurando se informar.

Maria: Eu achava que os museus só tinham coisas antigas, velhas, feias. Mas eu achei o Masp muito bonito, interessante. Antes de conhecer, achei que seria um lugar caindo aos pedaços. Inclusive o Masp é bem velho, né? Tem uns 70 anos. Então eu achava que só teria coisas muito antigas, quando eu entrei lá, disse: “Não, museu é outra coisa, é bonito, é moderno. Tem obras chiques, coisas bonitas que vêm de fora”.

Apesar de não termos feito perguntas como “o que é cultura para você?”, é possível perceber como elas valorizam esse tipo de atividade quando falam sobre os filhos já terem frequentado museus. Essa valorização viria do deleite experimentado por elas ou porque, com o tempo, perceberam o status atrelado a frequentar estes espaços? Por ser tão subjetiva, a resposta é difícil de ser alcançada com certeza. Pelas conversas, no entanto, é mais provável supor que o resultado seja a ação de forças agindo em conjunto e não separadamente.

Luci: Meu filho do meio trabalha na área de orientação. Ele já passou por alguns museus, pela Japan House e agora está no Itaú Cultural. Eu quero me corrigir sobre isso, porque tem muita coisa pra gente ver. Como estou nessa nova fase, quero explorar mais o que tem de bom pra gente.

Jéssica: Não costumo frequentar outros museus, aqui é o primeiro. Meu filho, sim, já foi ao Museu do Futebol, também ao Aquário de São Paulo, sempre com a escola. Tenho planos de trazer meu marido e filhos para visitar, mas depende dele, ainda não deu certo pelos horários.

Também é interessante perceber as particularidades. Luci, a entrevistada mais antiga, que em 2025 completa dez anos de casa, enfatizou que, antes de trabalhar no museu, achava que o teatro era só pra quem tem dinheiro. Depois de frequentar peças no auditório do próprio Masp, hoje conta com um grupo com colegas do trabalho para programar esse tipo de passeio. “Eu gosto de ver a interpretação das pessoas ao vivo, ali na nossa frente”. Mesmo distante, a princípio, o convívio com os espetáculos (a iniciativa de sua parte não pode ser desconsiderada) os tornou passíveis de serem encaixados em sua rotina: “De cinema eu sempre gostei, mas frequentar teatro é uma mudança que veio a partir do Masp”.

Considerações finais

As três entrevistadas são mulheres cuja trajetória de vida as afastou de museus na infância e na idade adulta, até levá-las a frequentar este ambiente cotidianamente de forma profissional. Para acessar a relação estabelecida entre Luci, Jéssica e Maria e o museu, além de tentar compreender de forma mais abrangente a relação delas com formas de lazer na cidade de São Paulo, encontramos respaldo em conceitos de Pierre Bourdieu e Alain Darbel, Waldisa Rússio e Raymond Williams. O método utilizado para que fosse possível alcançar os objetivos foi o da história oral, proposta por José Carlos Sebe B. Meihy.

Uma das perguntas feitas se referia à identificação das entrevistadas com o que estava sendo exibido. Parece correto afirmar que, neste sentido, a arte ali exposta cumpre o seu papel (assim como os clássicos literários) de ser universal e falar com o que existe de comum em todos nós.

Apesar de não termos estabelecido uma hipótese, no início da pesquisa nos perguntávamos se as experiências das mulheres no museu teriam de fato resultado em uma mudança efetiva em suas rotinas de lazer, tanto por questões de ordem prática, como tempo e dinheiro, quanto por questões subjetivas, pois não basta um encontro “mágico” entre a obra e o público para que a fruição aconteça (Botelho 2003). Os achados nos mostram que essa vivência alterou, sim, a percepção destas trabalhadoras em relação à arte e às atividades culturais, despertando o interesse e

também o incentivo àqueles que convivem com elas a frequentarem atividades culturais — as do próprio museu e também outras.

É bem possível que os possíveis achados não tenham se esgotado, e que as entrevistas não tenham chegado à saturação. De um lado entrevistar mais mulheres, de outro acompanhar as entrevistadas num dia de folga, por exemplo, poderia trazer novos *insights* e um tipo de entendimento mais apurado.

Há, portanto, um potencial de continuação desta pesquisa, de forma que o que acabamos de apresentar não deve ser visto como conclusão, mas como resultados passíveis de serem complementados e enriquecidos. Aumentar o número de entrevistadas, aprofundar a interação com elas, expandir a pesquisa para outros museus, e mesmo para outros tipos de profissionais: seguranças, bombeiros, contemplando homens e mulheres, são caminhos de continuidade que se abrem.

Referências

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. **Espaço & Debates**, São Paulo, n. 43-44, 2003.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. Porto Alegre: Zouk, 2016.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bon. **Augusto e Lea**: um caso de (des)amor em tempos modernos. São Paulo: Contexto, 2006.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PERROTA-BOSCH, Francesco. **Lina**: uma biografia. São Paulo: Todavia, 2021.

RÚSSIO, Waldisa. Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual. In: Bruno, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a, p. 45-56.

RÚSSIO, Waldisa. Alguns aspectos do patrimônio cultural: o patrimônio industrial. In: Bruno, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010b, p. 147-159.

RÚSSIO, Waldisa. A difusão do patrimônio: novas experiências em museus, programas educativos e promoção cultural. In: Bruno, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010c, p. 164-175.

RÚSSIO, Waldisa. Museu, para quê? (A necessidade da arte). In: Bruno, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010d, p. 69-77.

RÚSSIO, Waldisa. Museologia e identidade. In: Bruno, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010e, p. 176-185.

RÚSSIO, Waldisa. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: Bruno, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010f, p. 203-210.

RÚSSIO, Waldisa. Exposição: texto museológico e o contexto cultural. In: Bruno, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010g, p. 137-143.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.